

Autor: Castro

“Não se pode viver a noite inteira e, depois, o dia inteiro”... Ou de quando o livro é melhor que o filme: e daí?



É muito comum que, num primeiro impulso, ao término da sessão, o fã de algum livro adaptado para o cinema irrite-se ao perceber que “o livro é bem melhor”. Em verdade, esta é uma opinião que não respeita as especificidades linguísticas de cada uma das obras: ainda que seja detectado o aproveitamento de elementos congêneres — a mesmíssima trama, por exemplo —, o livro é o livro e o filme é o filme. Cada um deles funciona por si mesmo, sendo “perdoável” quando a adaptação é malsucedida. Sobre o assunto, o crítico André Bazin [1918–1958], num texto intitulado “Por um Cinema Impuro — Defesa da Adaptação” ousava dizer que *“é absurdo indignar-se com as degradações sofridas pelas obras-primas literárias na tela”*, visto que as adaptações *“não podem causar danos ao original, junto à minoria que o conhece e aprecia”*. Justifica ele que, ao ser adaptada uma determinada obra, os espectadores *“terão vontade de conhecer o modelo, o que é um ganho para a literatura”*. E arrebata: *“este raciocínio está confirmado por todas as estatísticas da edição, que acusa um aumento surpreendente da venda das obras literárias depois da adaptação pelo cinema”*.

Há uma intenção bastante específica, neste artigo, para aproveitar as supracitadas citações bazinianas: uma das adaptações que ele analisa no referido texto é a conversão do livro “O Diabo no Corpo”, publicado em 1923 por Raymond Radiguet [1903–1923], no longa-metragem “Adúltera” (1947, de Claude Autant-Lara), bastante atacado pelos “jovens turcos”, críticos e cinéfilos tão obcecados quanto exigentes, vinculados à revista Cahiers du Cinéma. Num artigo sobremaneira polêmico do então crítico François Truffaut [1932–1984], “Uma Certa Tendência do Cinema Francês”, o roteiro do filme em pauta é

amplamente rechaçado nas contradições da “tradição de qualidade” a que pertence: por mais que o diretor seja reconhecido por seu não-conformismo, os roteiristas Jean Aurenche e Pierre Bost são tachados de excessivamente aburguesados. O filme está muito aquém do livro, portanto.

Mas vamos por partes: quem ainda não teve o sumo prazer de ler a novela romântica “O Diabo no Corpo”, o momento é agora. Publicado em 1923, justamente o ano em que faleceria o seu autor, antes mesmo de completar vinte anos de idade — em decorrência de um adoecimento por febre tifoide —, este livro relata o interlúdio amoroso entre o narrador, com dezesseis anos de idade, e uma mulher casada, Marthe, durante a I Guerra Mundial. Como, ainda que precoce, o rapaz é muito jovem, seus comportamentos são impetuosos e possessivos, de modo que ele trata a sua amante de maneira injusta, em mais de uma situação. Chega mesmo a traí-la sexualmente, em duas oportunidades, enquanto se irrita ao imaginar que ela transe com o próprio marido. Mas tudo isso é justificado, na narração, pela autenticidade do eu-lírico. Como trata-se de um livro com pouco mais de uma centena de páginas, os capítulos e as frases são curtas, mas geralmente impactantes. Um exemplo: “*O amor deve oferecer grandes vantagens, para que todos depositem a liberdade em suas mãos. (...) Eu ignorava que, servidão por servidão, mais vale ser vassalo do coração que ser escravo dos sentidos*”.

Diante da extrema qualidade desta obra-prima singular de um autor mui promissor — que se tornou um protegido e objeto de desejo do poeta Jean Cocteau [1889–1963] —, é compreensível que os seus leitores nutram empolgação e apreensão em face da adaptação supramencionada, que causou muita polêmica quando foi lançada, não apenas por seu trecho de cariz erótico, mas sobretudo pelos adendos antimilitaristas do roteiro. Nota-se, desde o início, uma modificação muito contundente na trama, em relação ao livro: no filme, o protagonista, agora nomeado François (Gérard Philipe — premiado no Festival de Bruxelas, por este papel), conhece Marthe (Micheline Presle) quando esta começa a trabalhar como enfermeira num hospital para feridos de guerra, improvisado ao lado do Liceu onde o rapaz estuda. A paixão é imediata, e Marthe sujeita-se de maneira intensificada aos caprichos de François. Detalhe: ainda que a personagem feminina seja apresentada como mais velha — e, portanto, quase uma hebefílica — os dois atores tinham exatamente a mesma idade quando a produção foi realizada. Além disso, o título brasileiro do filme apressa-se em condená-la como adúltera, de modo que, tal como ocorre no livro, o desfecho do romance proibido precisa ser trágico. Mas a versão cinematográfica é exagerada em seus recursos melodramáticos: vide a maneira como a mãe de Marthe (Denise Grey) atira ao chão, com desdém, as rosas compradas por François, enquanto ele se destroça emocionalmente ao perceber que Jacques (Jean Lara), o marido de Marthe, fecha a janela, a fim de deflorá-la nupcialmente...

Em razão de a narrativa, no filme, ser apresentada de maneira objetiva, encontramos François zanzando pelas ruas, no dia em que foi declarado o fim da I Guerra Mundial, após a assinatura do armistício, em 11 de novembro de 1918. Enquanto as pessoas cantam e dançam nas ruas, ele se entristece, ao perceber um cortejo fúnebre, em meio às comemorações. É a deixa para que surjam ‘flashbacks’ de seu idílio afetivo, não sendo disfarçadas as suas crises de ciúmes e a agressividade típica de sua faixa etária. Personagens coadjuvantes são mostrados de maneira caricata e a lascividade literária é substituída por um refinamento que beira a autocensura convencional: a palavra “gravidez”, por exemplo, sequer é pronunciada, mas sussurrada de maneira inaudível, numa sequência em que precisa ser anunciada. Trata-se de uma adaptação pouco inspirada, mas que, ainda assim, fez muito sucesso de bilheteria. Acontecia antes, e continuará acontecendo, enquanto o cinema for encarado como um provedor de mercadorias rentáveis, que são prontamente substituíveis pelos próximos lançamentos, na opinião de seus ambiciosos produtores. A boa notícia: para quem amou o livro original, convém rever a extraordinária versão da mesma história, a cargo do genial cineasta italiano Marco Bellocchio, no iconoclastico “Diabo no Corpo” (1986), que chega a

possuir uma polémica cena de feição. “*Virá o tempo das ressurgências, isto é, de um cinema de novo independente do romance e do teatro*”, vaticina André Bazin, em seu clássico artigo. Façamos coro, em relação a ele, mas sem desprezar os interessantes atos falhos produzidos durante o percurso!

Wesley Pereira de Castro.

Data de Publicação: 23-08-2024